

Cem anos de caminho, um olhar sobre Schoenstatt

Janeiro 2014 Pe. Carlos Padilla Esteban, Diretor do Movimento de Schoenstatt em Espanha

Pensando nestes cem anos de história da Aliança de Amor surge a pergunta fundamental: Como se funda de novo Schoenstatt ao cumprirmos um século de história? Queremos fundar Schoenstatt de novo seguindo o lema que acompanhou a celebração dos cinquenta anos de história: *“Fiel à origem, fundar de novo”*. Queremos fazê-lo voltando à origem, ao começo da nossa história de Aliança, às raízes, ao fundamental, ao mais simples e puro que estava no germe desde o início. Fundar de novo respeitando os princípios, as bases que deram origem à primeira aliança. Sendo fiéis ao P. Kentenich, ao que Deus fez nele. Por isso, não querendo abranger tudo, vou mencionar algumas intuições, vias de reflexão, perguntas abertas, um olhar sobre a vida que nos permita pensar no que significa para cada um o facto de Schoenstatt cumprir os seus cem anos de história. O Papa Francisco, quando era bispo Bergoglio, disse aos Movimentos: *“Que triste é quando um movimento ou uma instituição adoece e em vez de serem pastores do povo, convertem-se em “tosquiadores de ovelhas” e passam o tempo todo em reuniões, maquilhando a alma! Cuidado! Cuidado com as elites. As elites fecham-se numa redoma, perdem o horizonte missionário, perdem o impulso, perdem a coragem. As instituições e movimentos têm que dar a herança. Perguntar-me-ão: ‘Padre, onde?’. Na rua, na rua. Ali onde se vive a vida da nossa cidade. Como bispo peço-lhes: Por favor, não guardem a herança na vitrine para ser mostrada às visitas. Levem-na à rua, busquem horizontes missionários, ‘trabalhem-na’ todos os dias, que esta herança, que tão gratuitamente recebemos, seja fermento desta cidade”*. Estas palavras do Papa Francisco, ditas há algum tempo, têm hoje uma força especial. Sim, queremos tirar o nosso carisma da vitrine, não queremos viver a tosquiar ovelhas, não é a nossa missão. Queremos formar-nos para sair a dar o que recebemos. Queremos abrir as portas e oferecer à Igreja, ao mundo, essa herança que recebemos de forma gratuita. Estamos profundamente agradecidos pela nossa história, por toda a vida que surgiu da fonte do Santuário. Surpreendemo-nos sempre de novo. Deus é fiel, Maria é sempre fiel. Recebemos muitos dons e presentes e estamos alegres. Cumprir cem anos é uma ocasião para que cada um se pergunte como é o Schoenstatt que está a viver. Talvez a passagem dos anos enchesse de pó os velhos sonhos e anseios. É jovem esse Schoenstatt que vivemos? É um Schoenstatt alegre que penetra todas as esferas da nossa vida? Vivemos a radicalidade da aliança até às últimas consequências? Somos filhos fiéis em tudo o que o Pe. Kentenich nos deixou como legado? Esta reflexão ajudou-me a voltar à origem, a renovar-me no meu amor a Schoenstatt, a não ficar pela estrutura e formas. O Pe. Kentenich não quis fundar um movimento internacional. Simplesmente disse que sim a Deus e a Maria, e o resto veio por acréscimo. Assim é a vida em Deus, quando damos tudo sem guardar nada, Deus dá-nos o inesperado.

Primeira reflexão: um olhar sobre o nosso Pai Fundador

Não se pode entender Schoenstatt sem o Pe. Kentenich. É que Schoenstatt nasce do seu coração de Pai e profeta. Brota da sua história pessoal, surge na sua alma. Ele viveu na sua carne como Maria era capaz de sarar e modelar um homem novo a partir do barro. Não a partir de receitas ou de uma ascética programada, mas a partir da vida de cada um, da história pessoal, assim atua Deus. Foi assim que fez com o Pe. Kentenich e com ele tudo começou. Deus irrompe na história e serve-se de um instrumento predileto, de um homem com capacidades e defeitos. Um homem todo de Deus, apaixonado por Cristo, apaixonado por Maria. Um homem ferido desde o berço. A força curadora do amor acabou por sará-lo. Mas a sua ferida foi sempre fonte de vida e caminho de santidade. Causa da sua dor e motivo para a esperança. Que importantes são as nossas feridas! Foi filho de mãe solteira. Nunca foi aceite pelo seu pai. Matías José Koep nunca o reconheceu como filho nem tão pouco casou com a sua mãe. José sentiu-se rejeitado desde pequeno. É a experiência de tantas pessoas na sua vida. Filhos muitas vezes com pais vivos, mas que não se sentem queridos por eles. O Pai experimentou a rejeição, o abandono e a solidão. Os anos de solidão num orfanato marcaram-no para sempre. A honra, a fama, o seu nome, tudo posto em causa. A solidão de um homem muito racional, sem vínculos, fechado, com o coração aprisionado por um muro. O coração muitas vezes vai por outro lado e a cabeça quer entender as razões. Nele se deu de forma preclara a separação entre fé e vida, entre as ideias e o coração, entre os sonhos e a realidade encarnada. Um Deus longínquo, um Deus desencarnado, um Deus alheio ao homem. Uma ideia de Deus que não era capaz de penetrar todas as fibras do coração. O Pai pôde caminhar até à beira do abismo, até à beira da loucura. Chegou a um extremo e aí Deus deteve-o. Onde começa a mudança? A rutura e a união. A ferida e a vida que brota da mesma ferida. Essa ferida da qual surge a esperança. A ferida que causou tanta dor e que às vezes se sente a tentação de tapá-la, escondê-la, negá-la. O Pe. Kentenich chega a afirmar que ninguém, nenhuma pessoa humana, influenciou a sua educação durante a sua infância e juventude. É dura essa afirmação. O coração compreende quão profunda é a ferida na sua alma. Ninguém, só Maria, só a Virgem a partir daquela consagração, o influenciou. Esta afirmação é terrível, dura, comovente. Que solidão interior! E não caiu no desespero, apesar de, como ele mesmo confessa, ter estado a ponto de perder a razão. Tão próximo do homem de hoje! Que atual a sua ferida! Um homem sem raízes, que não vê a sua fé encarnada, que não vê a Deus na sua própria vida. Um homem só, com a sua dor, desvinculado, aprisionado no seu abandono. Um homem ferido e dividido no seu interior.

Como e quando começou a curar a sua ferida? A consagração a Maria de uma criança de nove anos é o ponto-chave. A primeira fresta aberta é esse momento de entrega de Catarina. Devemo-lo a ela que Maria levasse a sério a educação de José. É um ato que podia ter passado quase despercebido, escondido com a passagem dos anos nas suas recordações. Assim começa Schoenstatt no seu próprio coração. A primeira aliança pronunciou-a timidamente, cheia de medo, quase sem o saber, a sua própria mãe, Catarina Kentenich. Fê-lo com muita tristeza em silêncio, destroçada pela dor, impotente, à porta de um orfanato. Esta humilde e esforçada

mulher deu o primeiro passo sem o saber. Ela recuou, colocou-se de lado, e deixou que Maria ficasse em primeiro plano. Ela, que tanto amava o seu filho e que foi capaz de renunciar a tantas coisas por ele, converteu-se no primeiro elo de uma grande corrente. Catarina amava Maria e confiava. Seguramente mostrou o rosto de Maria ao pequeno José e disse-lhe que era sua Mãe desde muito pequeno. Nesse momento sentia-se desamparada, totalmente incapaz de continuar a cuidar no dia-a-dia o pequeno José. Schoenstatt começa assim, com a renúncia de uma mãe a quem poucas vezes recordamos e agradecemos. Tantas mães hoje renunciam a estar com os seus filhos para poder viver em Espanha e ganhar o dinheiro suficiente para a sua educação futura. Penso em tantas mães emigrantes que deixam os seus filhos nos seus países porque aí não podem mantê-los e cuidá-los. A renúncia é geradora de vida, apesar de trazer consigo muita dor para ambas as partes. Há ocasiões em que cremos que não, que a renúncia é só uma dor, uma ausência, uma perda, uma falta de plenitude que não tem sentido. No plano de Deus tudo se encaixa, apesar que na terra nos custe a compreender os seus desejos. A renúncia é fonte de vida no coração de Deus, a renúncia de Maria para cuidar de Jesus, a renúncia de Jesus na cruz para salvar os homens. A renúncia de tantos santos ao longo da história da Igreja. É a renúncia feita no coração de Deus, com humildade, docilmente, a que dá vida, a que é fecunda. O Pai recebe a vida de uma mãe que é capaz de renunciar por amor. Recebe vida dessa mesma renúncia. Catarina renuncia a si mesma, aos seus planos, ao seu próprio caminho de felicidade, de autorrealização como pessoa. Essa autorrealização que agora parece sagrada para todo o mundo. Hoje tantas pessoas se procuram a si mesmas com o objetivo de se realizarem, de encontrar o melhor lugar para implementar os seus talentos e capacidades. Queixam-se quando não encontram o trabalho da sua vida, ou a casa, ou o país, quando os seus sonhos não se realizam e não entendem que a renúncia possa ter um valor. Contudo, Catarina, uma mulher ferida e rejeitada pelo pai do seu filho, é capaz de renunciar por amor, de se colocar a si mesma em segundo plano. É uma mulher forte, que aprende a viver em solidão para que o seu filho tenha uma educação e possa fazer o seu caminho. Entrega o que mais quer e aprende assim a amar em silêncio, em solidão, muitas vezes à distância. Aprende a educar de joelhos, como tantas outras mães quando se sentem impotentes na hora de educar os seus filhos. Estamos a debruçar-nos na ferida de amor do Pe. Kentenich. Essa ferida profunda é cuidada, a partir desse momento, por Maria. Também cuida de Catarina através da sua renúncia.

Schoenstatt nasce da humildade de uma renúncia, do silêncio de uma renúncia, do esquecimento daquela mulher que deu a vida a um menino pobre chamado José Kentenich. Schoenstatt começa na solidão de saber renunciar, por amor, ao que mais desejamos, com um sentido. Schoenstatt começa com uma renúncia em ato de entrega fiel a Maria. Catarina confia a Maria o seu filho José. Sela a primeira aliança e Maria aceita esse intercâmbio de corações. Coloca nas suas mãos poderosas de Mãe o destino de um filho abandonado. Catarina não sabia o que fazer e confiou em Maria. Abandona-se. Põe a sua vida nas suas mãos e confia cegamente que tudo irá correr bem. E assim foi. Quando José olha para trás vê nesse ato de consagração a primeira aliança. Vê nessa entrega fiel o começo de tudo. Ali se fez filho de Maria para sempre. De forma pouco consciente. De forma singela e humilde. Mas essa primeira aliança mudou-lhe a vida para sempre.

Creio que Schoenstatt nos convida, no momento em que celebramos e agradecemos, a sermos capazes de viver descentrados. A renúncia de Catarina faz-nos questionar se nós

somos capazes de renunciar, de nos pormos em segundo plano, de nos alegrarmos para que outros possam fazer o seu caminho e encontrar o seu caminho de felicidade, enquanto nós permanecemos ocultos num segundo plano. Maria aparece como modelo, não só como caminho. Ela pôs-se em segundo lugar e aceitou a condição de serva fazendo vida das suas palavras: *“Faça-se em mim, segundo a Tua palavra”*. Retirou-se, deixou que Jesus se fizesse carne na sua vida e que mudasse para sempre o seu caminho, o seu destino, o rumo dos seus passos, os seus próprios planos de vida. Trata-se de sermos capazes de nos negarmos a nós mesmos para poder afirmar outros. Quando penso em Schoenstatt penso que assim deve surgir sempre de novo. A partir da humildade da renúncia. Esta máxima é fundamental para que Schoenstatt se renove no nosso coração. Quando não damos vida a outros? Quando gostamos dos primeiros lugares e buscamos o poder, não estamos a ser fiéis a este começo. Quando queremos ser levados em conta e valorizados pela nossa entrega, não compreendemos como se semeou a primeira semente de Schoenstatt. Podemos cair facilmente na tentação dos cargos e dos postos, do êxito e da eficácia. Schoenstatt presta-se a que cada schoenstatiano se sinta fundador e acredite que com ele começa tudo de novo. Corremos todos o perigo de esquecer Catarina Kentenich. *“sem lagar não há vinho”*, rezava o Pe. Kentenich *“Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica só”* diz-nos Jesus. Negarmos a nós mesmos só tem sentido se for para que outros tenham vida em abundância. É o sentido de toda a renúncia. Uma morte para dar vida. Que outros tenham mais vida, uma vida verdadeira e plena. O nosso caminho de plenitude passa pelo caminho de plenitude daqueles a quem amamos. **Nós valorizamos a renúncia? Entendemos que possa ser fonte de vida e fecundidade? A que renunciamos por amor?**

A verdade é que ao pensar no nosso fundador penso na sorte que temos. Temos um fundador ferido. Não é perfeito. Não vem de uma família ideal, como talvez alguns santos e como talvez desejássemos. Não teve uma família com pai e mãe que se amavam e filhos modelo que se amavam muito. Foi um homem sem raízes, sem vínculos humanos fortes, sem experiências familiares dignas de serem recordadas, sem irmãos. Não teve recordações bonitas de infância, nem fotografias, nem lugares cheios de fantasia. Houve, isso sim, muita solidão, dureza, austeridade, pobreza. O Pe. Kentenich tinha uma ferida muito forte de desamor e solidão, como são sempre as nossas. Até ao ponto que a ele próprio lhe custava falar disto até ao final da sua vida. Até ao ponto de que em Schoenstatt era um tema tabu. Até esse ponto foi uma ferida profunda, uma ferida enorme, uma debilidade limitadora. Na verdade incapacitou-o para o mais evidente de um homem que é relacionar-se e criar vínculos. Para além disso ficou marcado por uma época onde os vínculos pessoais eram mal vistos. Uma ferida que o levou a uma falta de união interior tão forte que esteve a ponto de chegar à loucura, essa divisão entre fé e vida, entre o Deus Todo Poderoso e o Deus do seu coração, encarnado, que tinha a ver com ele, entre o humano e o divino, entre as ideias e a vida. Pensando nesse momento, antes de 1912, se fôssemos procurar a pessoa adequada para fundar um Movimento com as características de Schoenstatt, nunca teríamos escolhido o Pe. Kentenich. De facto, a primeira votação para o aceitar para o diaconado foi negativa porque não conheciam o Pe. Kentenich no seu interior. Deus permitiu que na segunda votação fosse aceite. Deus elegeu o Pe. Kentenich para que dele surgisse um Movimento que pudesse ajudar e dar resposta a muitas das feridas que ele mesmo tinha, um Movimento de vínculos, um lar onde criar raízes. Tantas coisas de que ele tinha falta e justamente Deus utilizou-o para isso.

Tal como a renúncia de Catarina foi fonte de vida, e a nossa renúncia é fonte de vida, também a nossa ferida pode ser fonte de vida, como foi com o Pe. Kentenich. A ferida do lado aberto de Cristo é fonte de vida. Quando aceitamos e beijamos a nossa própria ferida, Deus utiliza-a e é fonte de vida. Por aqui passa uma primeira chave para compreender Schoenstatt. Schoenstatt está chamado a fundar-se de novo a partir desta realidade que me parece tão importante. Deus não nega a nossa ferida quando quer dar vida a partir do nosso sim. Não constrói sobre uma alma sem pecado, salvo no caso de Maria. Não, Deus aceita-nos como somos e não se envergonha da nossa ferida. Pelo contrário, serve-se dela. Pensamos com frequência que Deus ama apenas as nossas virtudes e aproveita só o que fazemos bem, esses talentos que colocou na alma. Se cantarmos bem usar-nos-á para conseguir que outros se apaixonem por Ele graças à nossa voz. Se somos gênios na informática usará esse talento tão prático para evangelizar dessa maneira. Mas custa-nos compreender que Deus queira utilizar a nossa limitação, a nossa debilidade, aquela ferida que queremos esquecer, para dar vida em abundância a outros.

A solidão do Pe. Kentenich, que é em si mesma algo de terrível, converte-se na chave para entender como surge Schoenstatt Deus usou a sua solidão para o tornar pai de uma família. Utilizou esse silêncio, essa profundidade da sua vida interior, esse jardim rico, para que aí fecundasse um novo carisma. Utilizou esse barro da sua história, para criar uma obra de arte. A falta de um pai foi fundamental para despertar nele o desejo de dar o que tinha recebido, uma paternidade profunda e autêntica. A ferida, a rutura, convertem-se em ponte, em caminho de santidade. Penso que Schoenstatt se funda de novo em nós quando assumimos esta verdade em nós, que sem a nossa ferida Deus não pode dar vida a outros. Porque a ferida converte-se em porta de entrada, para que Deus entre e para que outros se aproximem. Porque a nossa ferida nos faz humildes e mais misericordiosos e faz com que julguemos a realidade a partir da nossa pequenez, e não do orgulho. Chega de formular ideais pessoais que não são nossos, mas tomados das vidas dos santos, ou criados segundo um ideal que está tão longe de nós, que talvez nunca nos pertença. Ideais que nos rompem por dentro porque nos recordam continuamente a desproporção entre o que ansiamos e o que somos. Partamos da nossa própria ferida, da nossa vida tal como é, da nossa pequenez que sonha com as alturas. Assim fez o Pe. Kentenich. Entendamos que a partir dessa ferida, desde o mais fundo da nossa dor, dessa história da qual nos envergonhamos muitas vezes, é a partir dela que Deus começa a talhar a verdadeira obra-prima que quer fazer connosco. Essa ferida, da qual nunca nos atrevemos a falar em público, como acontecia com o Pe. Kentenich, é a nossa fonte de vida e o nosso caminho de salvação. Aceitemos a nossa história, sim podemos chegar a gostar da nossa própria carne, com que Deus fará maravilhas. Pensemos que sim, é possível para Deus fazer coisas impossíveis. Ele pode fazê-lo muito bem a partir da nossa pobreza. Assim fez Deus com Maria, a partir da sua pequenez. Assim voltou sempre a fazer com os santos. Assim fez com o Pe. Kentenich. Viver assim nos fará mais misericordiosos, mais humanos, mais humildes, mais alegres porque não temos que defender-nos de nada. Em Schoenstatt às vezes valorizamos muito os talentos e centramo-nos nas capacidades. O que fala bem, o que tem uma vida maravilhosa, o que escreve de forma incrível, o que dá testemunhos maravilhosos, o que canta como os anjos, o que dirige bem os grupos, o que leu muitos livros de Schoenstatt e sabe expô-los, etc. Atrai-nos a perfeição, não podemos negá-lo. A originalidade atrativa parece que será mais fecunda e desprezamos o que não sabe tanto, o que não se destaca, o que parece

não ter tantos talentos, o que é desajeitado, o que está muito ferido. O Pe. Kntenich na sua vida rodeou-se de pessoas feridas. Creio que fundar de novo passa por sermos abertos, por construirmos sobre a vida dos que Deus nos confia, com os remadores livres que temos, sem procurar a perfeição inexistente. Consiste em alegrarmo-nos com o barro, mesmo sem ser perfeito, puro e brilhante. Se não o fizermos não estaremos a ser fiéis à origem da nossa história sagrada. Não procuramos a eficiência, não pretendemos que tudo corra bem, sermos uns perfeitos executores de eventos. Não queremos ser seletivos, procurando apenas essas elites que conduzem às massas. Porque esse não foi o caminho que Jesus seguiu na sua vida. Jesus rodeou-se de pecadores e pessoas rejeitadas, feridas, doentes.

Nós sonhamos em ter um coração aberto e misericordioso como o de Cristo. Um coração que olha o homem como Jesus, como Maria, como o Pe. Kntenich.

O Pe. Kntenich chega a esta Aliança de Amor de 1914 com uma grande profundidade. Há algo de muito bonito, e é parte da nossa herança, que na imperfeição da sua história, Deus ofereceu ao Pe. Kntenich um tesouro, que foi a profundidade da sua alma. O Pe. Kntenich “cavou” a sua alma na solidão. Às vezes isso faz-nos falta. Ao aprofundar a sua alma, na solidão, no seu hermetismo, na sua muralha, permitiu, na sua relação com Maria, que surgisse Schoenstatt. Schoenstatt surgiu na profundidade do coração do Pai antes de ver a luz para os homens, não nasceu a partir de grandes eventos e atividades. Nasce, pelo contrário, no silêncio das profundezas de uma alma, na profundidade de um coração. Se o Pai tivesse permanecido à superfície, não teria havido profundidade suficiente para que surgisse o mundo de Schoenstatt. Há gente que acredita que só é de Schoenstatt porque vai a eventos e participa de atividades. Mas esse Schoenstatt que vivem é superficial e rapidamente pode desaparecer quando surgem contratempos e decepções. Não há profundidade. Schoenstatt não se enraizou no mais profundo do coração. Somos herdeiros do Pai na medida em que haja profundidade na nossa alma, na medida em que a aliança de amor capte todas as fibras do nosso coração. O mundo de Schoenstatt gerou-se nesse oceano interior do Pe. Kntenich, nesse jardim interior. Assim foi criado. Por isso ele pôde logo ir buscá-lo. Porque já o tinha. Porque já tinha ocorrido nele. A primeira aliança de amor já tinha ocorrido para ele e tinha sido amadurecida com o passar dos anos. Nesses anos difíceis e duros da sua juventude foi criando Schoenstatt no seu coração, e a única coisa que fez depois foi encontrar canais para essa fonte que brotava dele, que estava já nele. Maria curou esse desamor do Pe. Kntenich e o amor que surgiu da cura deu vida a muitos.

A sua paternidade e a sua maternidade. Schoenstatt nasce de uma paternidade. Deus atuou através da sua paternidade. O Pe. Kntenich começou a “tirar de dentro” o que nunca pensou que tinha. Maria converteu a vida do Pe. Kntenich em fonte de vida para outros. Sem ter tido um pai aprendeu a ser pai, e mãe ao mesmo tempo, quando Deus lhe deu filhos. Assim curou a sua ferida, dando-se entregando-se, morrendo pelos outros. Foi uma paternidade muito humana e muito próxima. Se necessitamos de alguma coisa em Schoenstatt é de pais e mães, humanos e próximos. Pais e mães que nos projetem e nos mergulhem no coração de Deus. Os rapazes encontravam no pai essa segurança. Acreditavam no Pe. Kntenich, procuravam-no, admiravam-no, amavam-no. Nele encontraram um lugar onde criar raízes. Enraizaram-se nele com o risco que sempre têm os vínculos. O risco da dependência, o risco da decepção, o risco da exclusividade, o risco de que chegasse a ser um apego desordenado. Não importava.

Schoenstatt surge de uma confiança lavrada dia a dia na entrega. Assim curou a sua orfandade, sendo pai. Assim, ao oferecer lar a outros, encontrou ele próprio um lar. De repente, encaixou tudo. A sua ferida fê-lo experimentar o desespero do homem, desses jovens solitários e necessitados. Foi capaz de se pôr no lugar do outro, de compreender, de criar empatias e saber quanta necessidade de segurança há no homem. Foi capaz de oferecer a cada um o que a ele o tinha salvo: o rosto de Maria. Mas foi o vínculo com a sua pessoa o que os levou a Maria. O laço humano do qual Deus se serviu para os conduzir ao coração de Deus: *“Deus quer atrair-nos com laços humanos. Por isso procura que nos deixemos vincular pelo amor filial, conjugal, paternal. Permite que nos vinculemos a filhos, pais e cônjuges. Mas Deus desfaz esse laço e não descansa enquanto todos não estejam ligados a Ele”*. Os vínculos curam-nos e enraízam-nos em Deus. Apesar de às vezes nos assustarem. Porque temos medo que se desordenem. Quem poderá dizer que todos os seus apegos e vínculos estejam perfeitamente ordenados! Só Maria. De resto levamos a ferida da solidão na alma. E vinculamo-nos para aprender a amar e para subir sempre mais alto, até Deus. A paternidade do Pai foi também uma maternidade. Ele foi pai e mãe. Esses rapazes necessitavam de uma mãe. Não lhe bastava um pai que os escutasse e lhes mostrasse amplos horizontes, não, necessitavam de uma mãe que estivesse pendente das suas necessidades quotidianas, do essencial. É por isso que também nós estamos chamados a mostrar a misericórdia dessa paternidade e maternidade no meio dos homens. Somos filhos e pais e mães. Isso torna-nos irmãos. Torna-nos família. Hoje há muitos órfãos com pais e mães vivos. Fundar Schoenstatt de novo passa por aprender a sermos melhores filhos e melhores pais e mães. Passa por sermos lar onde outros possam criar raízes, com o risco que isso pressupõe para ambas as partes. Schoenstatt é esse lar no qual muitos criarão raízes e poderão respirar uma atmosfera sobrenatural. Não é lar um espaço onde não há uma preocupação pelas necessidades pessoais de cada um, em que apenas nos aceitam se formos úteis e logo nos esquecem, onde nos dão mais atenção quando servimos, quando contribuímos com algo. Schoenstatt é lar se pudermos ser nós mesmos, se nos pudermos mostrar tal e como somos fora do Santuário, se não tememos a rejeição e não vivemos a competir com os outros, comparando-nos continuamente. Schoenstatt é lar quando qualquer um pode encontrar o seu lar, e pode sentir-se querido, em casa, sem medos. Schoenstatt é lar quando existem mães que acolhem e se preocupam pessoalmente com cada um. Schoenstatt é fiel à sua missão se educamos para que hajam pais que mostrem caminhos e deem segurança. Assim, e só assim, seremos melhores irmãos. Quando nos sentimos apenas como irmãos, vemo-nos iguais e procuramos ser os primeiros, competir, destacar-nos, ter poder, ser os prediletos, os eleitos, os mais queridos, os únicos que fazem as coisas bem feitas. Competimos por um lugar quase sem nos darmos conta. E assim não se pode construir. Se os irmãos não aprenderem a ser filhos e pais e mães não poderão amadurecer como irmãos. Não se sentirão livres. Não encontrarão o seu lugar. Não terão a paz do que sabe que dá o que pode dar e não o que não tem.

Segunda reflexão: um olhar sobre o caminho feito pela mão de Deus

Schoenstatt é uma obra de Deus. É fruto da irrupção de Deus. Quem olhar para estes cem anos de caminho, vê que somos filhos da Providência. Durante todos estes anos Schoenstatt podia ter desaparecido. Na primeira guerra mundial, na segunda, no exílio, com a morte do Pe. Kentenich, já que a morte de um fundador traz sempre dispersão e dificuldades. Parece que Deus quer que continuemos a existir. Que alegria a vida que surgiu nestes anos! Que alegria a quantidade de milagres ocultos neste tempo! Que alegria tantas pessoas que vivem dessa fonte e voltam continuamente a ela! Que fiel é Deus! A primeira coisa que surge em Schoenstatt é a fé prática na Divina Providência. O pai interpreta vozes, descobre portas abertas, às vezes só frestas. A decisão mais difícil da sua vida foi tomada há cem anos. Confiou em Deus, em Maria. Fê-lo, temendo enganar-se. Nas profundezas do seu jardim, em diálogo com Maria, intui que Deus lhe pede que dê um salto de fé. Vê que quer que peça a Maria que se estabeleça nessa pequena capelinha. E deu o passo com esses jovens que confiaram nele, acreditaram porque ele acreditava. Costuma ser assim na vida. Cremos noutros que acreditaram antes de nós. O mundo interior que ele tinha queria entregá-lo, dá-lo aos homens. Isso é a primeira coisa que celebramos. O primeiro sim do padre Kentenich a Maria, o primeiro sim de Maria ao Pe. Kentenich e a um grupo de jovens. Como a Anunciação foi o primeiro sim de Maria a Deus. Esse primeiro sim que foi um passo audaz, de abandono, de entrega, de generosidade.

Voltar a fundar de novo Schoenstatt tem a ver com a procura do Deus da vida. É a chamada fé prática na Divina Providência. Antes da Aliança de Amor já o Pai vivia da fé prática, aplicada na vida. Ele aprendeu a descobrir Deus na sua vida. Nisto consiste a fé, em aprender a olhar a vida, a alma, o tempo e ver Deus ali onde permanece oculto. Assim sempre fez o Pai. Desde o princípio soube ver as portas abertas e não ficou bloqueado com as portas fechadas. Nos erros e injustiças humanas. O seu pai não quis reconhecê-lo, não o deixaram ser jesuíta por ser filho de mãe solteira, a sua mãe não pôde educá-lo por falta de meios económicos. São circunstâncias, que podem ser factos isolados ou pontos interligados num caminho feito com Deus. Podem ser barreiras intransponíveis ou trampolins que nos mostram novas metas. A sua mãe levou-o a um orfanato, e deixou-o nas mãos de Maria, permitiram a sua ordenação depois da primeira vez ter sido negada, colocaram-no, de surpresa, como diretor espiritual de jovens em Schoenstatt. São os pontos aparentemente sem ligação que, com o olhar de hoje têm um sentido. Deus usou as suas carências. Assim chegou ao coração do Pai. A sua ferida foi uma porta de entrada. Estava só, ninguém influenciou a sua educação. Sem vínculos. Muito intelectual, sem a sua ferida talvez nunca tivesse entrado Maria. Deus molda-se a cada um e com cada um tem um caminho pessoal. Diz muito de como é Schoenstatt. De dentro para fora. Da vida para a teoria. Colaborando Deus e nós no plano da salvação. O pai chegou à aliança de amor com Maria através dessa ferida que marcou a sua alma, através da alma dos rapazes, através de um cargo como diretor espiritual ao qual chega pela Divina Providência, através de muitas portas fechadas e outras abertas. Através de um advogado, Bartolo Longo, e a cidade de Pompeia, um lugar de peregrinação. Através de uma guerra terrível, que se abre como a

grande oportunidade para iniciar um caminho de santidade. O Pai tem uma intuição e dá um salto de fé. Deus irrompe. Maria deu um salto de fé na Anunciação e acreditou em Deus Pai. Creio que refundar Schoenstatt consiste em olhar a vida com os olhos de Deus e acreditar e confiar e deixar tudo para seguir a Deus, para onde Ele for. Consiste em não classificar a vida tratando de que seja tudo como nós desejamos, tentando que tudo encaixe. Não se trata de repetir as coisas tal como o Pai fez. Às vezes é a tentação de fidelidade ao Pe. Kentenich. Repetir as suas conversas, fazer o mesmo. Consiste antes em ter o seu olhar, esse olhar audaz e profundo, esse olhar que descansava sempre no coração de Deus. É uma fidelidade criadora, sempre nova, sempre fiel à origem. Sim, trata-se de olhar como ele olhava, respeitando a originalidade, o desejo da alma, o desejo de Deus. Ver como Deus vê.

A Aliança de Amor foi uma irrupção de Deus, uma iniciativa divina. Deus levou a sério o anseio do Pe. Kentenich e daqueles jovens. Havia uma voz de Deus por trás dos seus pensamentos. O Pai não o inventava, mas duvidava. E se fossem delírios de grandeza? Como podia atrever-se a pedir algo tão grande? Ninguém lhe assegurou nada, ninguém lhe disse: *"Isto é o que Deus quer"*. Não houve nenhuma aparição, nem nenhum milagre, nada extraordinário. Esses milagres que tantas vezes esperamos. Não, tudo estava oculto no coração dos rapazes e no seu próprio coração. Como podia ser a guerra injusta um sinal querido por Deus? Deus podia falar através de tanto mal, tão injusto, tão terrível? O pai não queria impor tão pouco o seu desejo. Não, queria que o processo fosse dos rapazes, não algo imposto mas algo que surgisse da vida. Tinha medo de se enganar. Com infinito respeito pela vida de cada um. Mais tarde diria que foi a decisão mais difícil da sua vida. Um salto de fé enorme. Mas ele já conhecia Maria, tinha confiança n'Ela, a sua aliança estava selada há muitos anos, quando ele tinha só nove anos de idade e Maria o resgatou da solidão, do abandono, do esquecimento. Veio então a petição audaz de lhe pedir que se estabelecesse nessa capela e realizasse a partir dali milagres de graça. Teve uma visão de profeta. Pensou que esse ato insignificante podia converter a capela num Tabor, num lugar de peregrinação para a Alemanha, e talvez mais além. Que visão tão limpa, tão pura, tão audaz, tão profética! Viu o que ninguém via nesse momento, tão pouco os rapazes. Hoje parece fácil ver a resultante criadora, os frutos e milagres realizados no Santuário. Nesse momento fazia falta muita fé. O Pai sonhava que o que tinha sucedido no seu coração começasse a suceder no coração dos congregados. O pai lançou-se por uma pequena fresta, a mais pequena, creio. Viu o que os outros não viam. Como Maria ante o Anjo. Faça-se, diria no seu coração de filho. E Maria fez todo o resto. Na sua vida houve muitas portas fechadas. E ele foi capaz de ver a fresta aberta. Como olhamos nós a nossa vida? Sabemos ver a fresta por trás da porta fechada? Sabemos entender os não, os fracassos, como oportunidades que se nos apresentam ou só nos lamentamos porque nada acontece como desejamos? Assim começou Schoenstatt. Com muitas portas fechadas, alguma aberta e uma fresta. Para refundar Schoenstatt teríamos que ter um olhar profético, capaz de interpretar sinais e ver frestas. Ver além das aparências, do momento, deixarmo-nos interpelar pelo mundo, pela Igreja. Não viver fechados numa redoma, mas procurar sinais que nos abram o horizonte e nos permitam sonhar com um mundo novo. Maria e os congregados interligaram os corações no meio de uma guerra. Ali mesmo antes de se separarem, ali mesmo antes que pudesse desaparecer esta pequena congregação que tinha começado timidamente, ali mesmo a aliança uniu-os a esse lugar que se tornou lar, que os enraizou e lhes deu identidade. O vínculo, sempre os vínculos.

Aos lugares, ao coração de Maria. Traziam a Maria as suas cruzes ganhas em batalhas, os seus esforços por serem santos na frente. Iam a Schoenstatt quando podiam para repousar no Pe. Kntenich, para chegar ao santuário e dizerem a Maria que a amavam e para lhe entregarem todos os seus esforços. Essa aliança entre Maria e cada um deles foi a sua força na guerra, o que os manteve de pé. Foi motivo de esperança, foi uma luz no meio da noite.

A Aliança de Amor é o começo, o importante. Sem aliança de amor não existe Schoenstatt. A estrutura, os estatutos gerais, o organograma com o qual explicamos Schoenstatt, as diferentes comunidades e vocações, são mais irrelevantes. São importantes, claro, porque são o canal da vida que brota de uma mesma fonte, a aliança com Maria. Schoenstatt partiu de uma história de amor entre um filho e Maria. É uma das chaves. Deus sai ao encontro no meio da vida de cada um. Deus é capaz de converter alegrias, dificuldades, feridas, erros, circunstâncias fortuitas em caminhos para chegar ao coração do homem. E o grande presente foi Maria. Ela salvou o Pe. Kntenich. Não chegou a Ela através da oração, nem de leituras, mas foi Maria que se instalou na sua vida e no seu coração e encheu de ar o que estava fechado. Abriu-lhe o coração fechado e transformou-o em pai de centenas. É o grande milagre. Ele, que estava só, que não tinha vínculos fortes, que não sabia relacionar-se porque ninguém lhe tinha ensinado, foi capaz de ser pai e mãe de uma família. Maria tornou-o possível na Aliança de Amor. O Pai sentiu-se profundamente amado. Ela sentiu-se profundamente amada pelo Pai. Foi o amor da sua vida. Assim sucede com cada um. Assim surgiu Schoenstatt, de um sim, de uma primeira aliança. A primeira do Pe. Kntenich no orfanato, a primeira dos congregados em 1914.

Primeiro surgiu a vida, a água, o fogo, e a seguir, como dizia o Pe. Kntenich, temos apenas de aprofundar a fonte, cavar e mais tarde, quando surgir a água das profundezas, abrimos os canais. Isto foi o que ele fez e é o que temos nós de fazer. Gostamos das normas, dos estatutos, de dar nome a tudo, de decidir o que encaixa e o que não, o que corresponde segundo a história e o que fica de fora. Muitas vezes, nós, os schoenstattianos somos administradores da verdade. Pomos cercas, portões, barrotes. Abrimos canais para que a pouca água não se perca. Queremos ter tudo controlado, porque nos dá segurança, porque temos a obsessão de que os bispos nos entendam e nos aceitem. E deixamos de lado a vida. O canal acaba por ser mais importante que a própria vida. As formas mais que o espírito. Distinguimos, com paixão, união, instituto, militância, liga, peregrinos. Para que cada um tenha claro onde se encontra. Para evitar confusões. O nome pode acabar por ser mais importante do que a pessoa, que a própria vida. Cada um no seu bando, sem pensar que fazemos todos parte do mesmo, filhos de um mesmo pai, herdeiros de uma mesma história sagrada. Preocupa-nos saber quem manda mais, quem tem mais poder, quem possui mais informação, quem decide mais. Talvez muitos não pensem assim, isso é verdade, mas existem em Schoenstatt e é a nossa tentação. Sucede em todo o lado, também em outros Movimentos e nas paróquias. É a tentação mais humana, a que nos torna mais débeis, definitivamente. Acentuamos tanto o que nos diferencia, que nos custa encontrar o que nos une. Refundar Schoenstatt passa por viver o poder como serviço e construir a unidade a partir da humildade e da renúncia. Assim nos pensou Deus. Maria une-nos numa mesma aliança. Ali todos somos filhos e irmãos e isso dá-nos paz. **Como estamos a construir a unidade? Como vivemos a fé prática na Divina Providência na nossa própria vida?**

Somos um Movimento Mariano. Feminino na nossa forma de atuar. A alma feminina é paciente, tem capacidade para acolher vida, cuidar a vida, criá-la, acompanhá-la. Cuida dos processos que são lentos. Schoenstatt exige sempre paciência. Não é um movimento muito eficaz. Schoenstatt ensina-nos a ter um diálogo com Deus e com os homens procurando juntos o que Deus quer. A fé prática é comunitária, tem muito diálogo. Não só decido eu com Deus, mas nós com Deus. O consenso. Falar dos temas. Somos uma família, e movemo-nos com lentidão, como qualquer família. Uma decisão tomada numa instância não é evidente que se leve a cabo em todos os lugares e da mesma forma. Um schoenstattiano convencido sabe que com ele pode começar Schoenstatt em qualquer parte e faz ver isso a todo o momento. A *“mens fundatoris”* é um conceito complexo. Concebe-se como a fidelidade que o Pai pensou. De acordo com esta interpretação aproximamo-nos da realidade. A mente do Fundador é então património de Schoenstatt. Juntos vamos descobrindo o caminho. O Pe. Kentenich disse e escreveu muitas coisas. É normal que uma frase do Pe. Kentenich, tirada do seu contexto, possa servir para apoiar posturas encontradas. Quem pode interpretar a sua vontade nestes momentos? A família. Todos a caminho, através do consenso. A riqueza do consenso. A beleza de escutar e aprender uns com os outros. É um presente para que aprendamos a ceder e nos deixarmos assim complementar uns aos outros. Faz falta muita humildade e deixar de lado ao amor-próprio. Temos que aprender a ouvir e a levar-nos a sério mutuamente. Certo é que esta forma de atuar pode deter-nos em algumas ocasiões. Talvez não estejamos chamados à eficácia, essa é a verdade. Necessitamos de ter a paciência de uma mãe. Assim é Schoenstatt, um carisma paciente. Educa na paciência e na capacidade para captar e cuidar com delicadeza da vida. Tudo é lento, calmo, pausado, ao ritmo da vida que cresce de dentro para fora. É verdadeiro, autêntico, sólido, firme, fiel, permanente. São características preciosas, sem dúvida. Mas há que saber vivê-lo com paz. Em comunhão, unidos, respeitando. Sem medo de não termos poder, de não sermos levados em conta. Sem medo de conviver com as diferenças. A aceitar que o trigo cresce junto com o joio. A saber que há que aprender a obedecer para ser um pouco mais crianças. Embora seja verdade que nos custa obedecer, ceder e renunciar. Pensamos que os outros não respeitam às vezes a nossa originalidade e revoltamo-nos. É necessário crescer em humildade. Esse é o grande desafio. Aprender a trabalhar juntos, a complementar-mo-nos. Ajudando-nos uns aos outros a buscar a verdade e a encontrar o caminho.

Em Schoenstatt há muitas esferas de poder. Todos podemos ter um pouco de comando, de controlo, de decisão. Há muitos projetos e sonhos. Todos podemos encontrar o nosso lugar. Mas às vezes vemos o nosso lugar a partir da ótica do poder. Porque o facto de opinar já é poder. Ter informações é ter poder. Há outros carismas mais hierárquicos e verticais, onde uma instância decide e os outros obedecem e executam. Em Schoenstatt predomina a horizontalidade e o trabalho em comum, o consenso. Todos têm responsabilidades. A todos podem perguntar-nos a opinião e a nossa opinião é levada em conta. O facto de estarmos informados sobre o que ocorre já é poder. Que nos peçam a nossa opinião e contem com ela é poder. O medo de que nos imponham algo vindo de fora é o medo de perder a liberdade. Porque somos livres e gritamos que queremos que nos respeitem. Por isso nos defendemos do que vem de fora, de outras comunidades, de outros países. Falta-nos humildade, talvez. O poder sem humildade torna-se ditatorial, procura impor a sua verdade. Esse poder não escuta, não leva em conta o que é diferente. O nosso poder é o de Maria, que serve como escrava. É o

de Cristo, que se faz um entre tantos, que vai como cordeiro para o matadouro, que morre só, na cruz, abandonado. O amor não se impõe nunca, só se propõe, oferece-se, doa-se. O serviço em Schoenstatt é o nosso poder, o poder do amor. Não podemos esquecê-lo. Sempre partindo da humildade, e sabendo sempre que passará a nossa hora, o nosso momento. Chegará o dia em que já não nos perguntam, já não seremos úteis. Nesse momento temos de aceitar com humildade que não é a nossa hora. Pusemos a nossa pedra, agora outros poem a sua. Construimos com fidelidade, uns com os outros. Mas o mais bonito é que, como em Schoenstatt não prima a eficácia, seremos sempre importantes, teremos sempre valor, porque para Deus somos os mais valiosos e queridos. Ele inscreveu na palma da sua mão os nossos nomes para sempre. O nosso ideal pessoal, a nossa vida, o seu sonho, o nosso sonho.

Terceira reflexão: um olhar sobre o nosso caminho de santidade

A nossa vida é uma aspiração constante à santidade. Mas como é o nosso caminho de santidade? Qual é a nossa originalidade? É original? O que sucedeu no coração do Pai num dado momento, é um presente para nós. O seu caminho de santidade é o nosso. Ele tinha experimentado em si mesmo a misericórdia de Deus, o seu amor próximo, o amor maternal de Maria. É uma santidade de aliança. Não houve nada de extraordinários no seu caminho, não houve sinais extraordinários, não houve teorias prévias, nem estrutura pré-fabricada, não havia um caminho feito a que cada um se tivesse de moldar. Schoenstatt partiu da vida, de circunstâncias aparentemente cinzentas, inclusive de erros e de aspetos não muito santos. O caminho de santidade de Schoenstatt partiu de um milagre oculto no coração do Pai, de um milagre invisível: Maria ficou para sempre nessa capelinha e converteu-a em santuário. Antes tinha convertido o coração do pai em sua própria morada, num verdadeiro santuário. Maria serviu-se da audácia de um homem e de uns rapazes que quiseram ser santos a partir das suas pequenas vidas e que sonharam, no meio da guerra, mudar o mundo por Ela. Porque todos, quando queremos ser santos, é porque ansiamos mudar este mundo no qual vivemos. Não pretendemos fugir do mundo. Não queremos retroceder no tempo. Queremos amá-lo na sua grandeza e na sua debilidade. Assim queremos ser santos, amando a nossa vida, dando tudo com generosidade, entregando-nos com alegria para que o nosso mundo seja melhor, mais humano, mais de Deus. Na realidade não somos originais no que pretendemos. A santidade é um caminho universal. Mas sim, somos originais no caminho concreto no qual avançamos, esse mesmo caminho que percorreu o nosso Pai.

O nosso caminho de santidade procura que a nossa vida seja um lar onde Maria habite e no qual possam descansar e navegar muitos homens. O nosso caminho de santidade passa por permitir que Maria tire o melhor de nós mesmos, para poder entregá-lo com humildade. Para amar mais cada dia. Deus e Maria colaborando com o homem. A nossa forma de nos aproximarmos de Maria é original. O Pe. Kentenich aproximou-se de Maria a partir da sua própria experiência e assim começou um caminho próprio. Toda a sua vida tateou Deus e Deus a ele. Juntos, com Maria, fizeram nascer Schoenstatt e mostraram-nos um caminho de santidade. Assim deve ser sempre. Devemos fundar Schoenstatt a partir do nosso coração, da

nossa história pessoal e única, da profundidade e do silêncio da nossa alma. Aí Maria quer ficar para sempre, quer habitar, quer educar-nos como Mãe. A nossa santidade trabalha-se a cuidar do nosso olhar. Queremos ser capazes de ver Deus conduzindo a nossa vida diária, escondido no quotidiano. Queremos aprender a ver cada circunstância como uma ocasião propícia para sermos mais santos. Cada queda, cada fracasso, cada injustiça, cada cruz, são desafios para amar mais, para dar mais, para sermos santos. É a audácia de dar saltos de fé quando nem tudo está seguro, quando caminhamos na obscuridade com um pouco de luz. É o sim dado a partir da pobreza pessoal, sem deixar de sonhar mais alto, sem nos conformarmos em cumprir normas. É a santidade concreta, na qual encontramos a nossa forma original de sermos santos, o nosso estilo de amar a Deus e aos homens, o nosso caminho concreto, o nosso nome gravado na nossa alma e no coração de Cristo. As circunstâncias de hoje são diferentes, não há guerra, temos outras carências e outros dons. O grande presente de Schoenstatt é que Maria oferece-nos no Santuário o Deus da vida, da nossa própria história. É um caminho de santidade que consiste em aprender a amar a partir do quotidiano, de forma simples, da forma mais humana. Ela pode, embora nos pareça às vezes impossível, fazer de novo o nosso coração, e não só isto, mas fazer do nosso coração um santuário para outros. É capaz de fazer da rotina, da vida cinzenta, das dificuldades de cada dia, uma maravilhosa aventura. E todo este caminho como sempre, de dentro para fora, da vida às ideias. No Santuário repetiu-se o que aconteceu na Encarnação. O homem e Deus uniram-se por Maria, pelo seu sim.

No Santuário a nossa vida une-se a Deus e Deus chega à nossa vida. O sim é mútuo e para sempre. O nosso sim na aliança une-se ao de Maria. E começa assim um caminho original de santidade, uma forma própria de ser santo da vida diária.

A aspiração à santidade em Schoenstatt não tem muitas normas. Por isso alguns ficam desconcertados. Centra-se no amor, porque assim é Cristo. No cultivo do espírito, na generosidade, na magnanimidade e na aspiração aos mais altos ideais. É um caminho de santidade onde cada dia podemos sonhar mais e dar mais. Não há um plano de vida traçado e igual para todos. Isso talvez nos custe. Porque procuramos mínimos, seguranças, certezas e perguntamo-nos inquietos: *“Que tenho que fazer? Por onde devo ir? Que devo escolher?”*

Perguntamos aos sacerdotes, aos amigos, às Irmãs, procuramos respostas claras, precisas, exatas. Queremos, talvez, que outros tomem decisões por nós e nos tirem a responsabilidade. Mas Maria no Santuário procura formar homens livres, autónomos, capazes de tomar decisões, fiéis à verdade das suas vidas. A chave de Schoenstatt é que livremente podemos aspirar a mais, a partir da própria originalidade, no tempo que Deus tem para nós, falando na alma com Maria, contando-lhe os nossos planos e desafios, os nossos medos, a nossa vida com as suas limitações. Assim encontramos o nosso estilo pessoal, esse nome escrito no próprio coração e no coração de Cristo, essa força oculta na nossa história que só com olhos de Deus podemos encontrar e oferecer. Pedimos a Maria que repita em nós o que fez no Pe. Kentenich. Pedimos-lhe que nos ofereça ao Deus da nossa vida, ao Deus que sai ao nosso encontro em cada dia. Que nos ofereça o seu espírito audaz, a sua capacidade de dar o que recebeu como dom. Pedimos-lhe que nunca permita que fiquemos pelos mínimos, cumprindo, aprovando, errando, passando em pontas de pés pela vida. O que às vezes nos custa em Schoenstatt, a sua excessiva lassidão aparentemente carente de normas, é o que tem de mais precioso, porque nos chama a cada um a pormo-nos a caminho com Maria e com Deus e a dar o melhor de nós

mesmos. Chama-nos a sermos santos, sem ficarmos pelos mínimos, sem pretender apenas deixar de pecar. Convida-nos a dar aquilo que, se não formos nós, ninguém mais o dará, porque somos únicos. Os nossos talentos e debilidades, a nossa própria ferida, a nossa verdade. E assim usar as circunstâncias como possibilidades para sermos santos e dar até que nos doa, dar sempre tudo, sem medo. Para isso, é verdade, temos que ir ao Santuário, levar uma vida intensa de oração e olhar a nossa vida com os olhos de Deus. Implorar a Maria, pedir ajuda a outros que caminham ao nosso lado, deixarmos-nos complementar e aconselhar cada dia, suplicar que Cristo grave o seu modo de ser na nossa alma, e assim pedir que Schoenstatt se faça vida em nós e cheguemos a ser um santuário vivo no meio do mundo, um lar que acolha a muitos.

A aspiração à santidade aprofunda-se na carta branca na Inscriptio. Schoenstatt leva-nos a crescer interiormente. A santidade não consiste em fazer cada vez mais coisas, em ter uma vida apostólica cheia de atividades, mas em ter um jardim interior cada vez mais belo, um oceano mais profundo, uma vida mais ancorada em Deus. A santidade é viver ancorado em Deus, abandonados nas suas mãos de Pai. Uma vida cheia de Deus é sempre fecunda, é sempre apostólica. O Pe. Kentenich, nesse tempo solitário de infância e juventude, foi cavando fundo a sua alma. O tempo, o silêncio, a solidão, permitiram-lhe aprofundar no coração. Ali veio Maria instalar-se. Ali se foi gerando, na sua alma, o mundo de Schoenstatt. Graças à profundidade do seu oceano Maria foi depositando o seu mais valioso tesouro. A aliança de amor selada aos nove anos foi-se enriquecendo com o passar dos anos. Na entrega, na generosidade. Por isso, o nosso caminho de santidade consiste em que, pouco a pouco, os rasgos de Cristo, os rasgos de Maria, os seus próprios sentimentos, se encarnem na nossa vida. Trata-se de confiar, de nos abandonarmos nas mãos de um Pai misericordioso, nas mãos de Maria. É o mistério de Schoenstatt. A nossa vida nas mãos de Deus. Sem pormos barreiras nem travões, sem pretendermos fazer a nossa vontade mas a de Deus.

Faz falta aprender a confiar. A não suspeitar de Deus nem dos homens. A pedagogia da confiança é fundamental para caminharmos seguros. Quando parece que tudo se complica na vida, só nos resta confiar e esperar. Com frequência desconfiamos de Deus e dos homens. Suspeitamos das pessoas, julgamos as ações e interpretamos intenções. Tornamo-nos em juízes da vida e assim não crescemos. Desconfiamos daqueles que nos falam, vemos segundas intenções, suspeitamos e não acreditamos na sua verdade. Só se podem construir os vínculos a partir da confiança. Só numa atmosfera na qual reine a confiança podemos dar-nos sem medo, alegres e com paz. Também desconfiamos do poder de Deus, não acreditamos que nos possa fazer felizes, não cremos que nos possa chegar a transformar o coração. Deus caminha ao nosso lado na cruz e na dificuldade, nas alegrias e nos desafios. Assim nos quer Deus, ancorados no profundo, firmes, confiantes. Quer que sejamos crianças confiantes. Seria impossível entender este abandono sem falar da infância espiritual. É central em Schoenstatt. Viver como crianças implica confiar num Pai com maiúsculas que cuida de nós e que nos guia. Deus não nos deixa, não nos abandona. Nós abandonamo-nos para não querer ter sempre o leme da barca. A nossa vida nas suas mãos. Assinamos a carta branca onde Deus pode escrever a nossa história. Entregamos-lhe o coração para que o inscreva, para sempre no seu próprio coração. A nossa contribuição neste caminho de santidade é pequeno, minúsculo, mas sempre fundamental. Somos únicos e insubstituíveis. O que nós não fizemos ninguém fará. Deus precisa de nós. Por isso, mesmo que sintamos que a nossa missão é pequena, não duvidamos.

Sabemos que Deus constrói com o nosso sim diário e pequeno. Estamos a construir para os próximos cem anos, apesar de não chegarmos a celebrar o próximo jubileu dos 150 anos. Enquanto uns sentem que trabalham pedras, nós, trabalhando com Deus a nossa pedra pequena e diferente de todas, sonhamos em construirmos catedrais. É o importante. A nossa contribuição singela ao capital de graças, a nossa entrega diária e séria, a nossa consciência de sermos instrumentos dóceis, como crianças, na palma da mão de Deus.

A originalidade e os ideais. Schoenstatt nasce respeitando a originalidade, em primeiro lugar, daquele grupo de jovens. O Pe. Kentenich não quis impor normas, atuou pessoalmente com cada um, soube escutar os gritos das suas almas e transformou-os em vida. Com os anos os canais foram aumentando, porque seguiu sempre a mesma máxima: que cada um encontre o seu lugar, isso é o importante. E quando o lugar não existia, então criava-se. Assim o organigrama foi crescendo com o passar dos anos, a árvore de Schoenstatt, às vezes tão complicada, tão variada e tão rica. Trata-se de um lar, como um bosque, no qual todos têm o seu lugar. É a nossa riqueza, o respeito à originalidade, a diversidade, as diferenças. Não se pode dizer que alguém não tenha lugar em Schoenstatt. Há lugar para todos e não podemos fazer tantas normas que façam com que alguns fiquem de fora. Há sempre lugar para todos. Seguindo a máxima do Pe. Kentenich, seguindo o seu espírito, atuando de acordo com o chamado "*mens fundatoris*", o espírito do fundador, sim esse lugar não existe teremos que criá-lo. Schoenstatt não é um móvel rígido, fechado e já acabado. É uma obra dinâmica, em movimento, sempre a crescer. Pode acontecer que um dia algumas comunidades tenham que desaparecer, por não haver já vocações, e talvez outras que surjam à sombra do Santuário. Para quê surpreendermo-nos? A grande Família de Schoenstatt continuará a crescer. Pode ser que algumas comunidades tenham de mudar de nome, a sua forma, o seu esquema. Não importa. O primeiro sempre foi a vida e a seguir a forma, o nome concreto. A originalidade é vida. É certo que educar de acordo com a originalidade de cada um é possível, mas muito mais difícil que fazê-lo de outra maneira, com moldes. Educar exige tempo, paciência, arte. Educar segundo moldes é muito mais fácil, porque se aplica o molde e obtém-se o produto final, o esperado. O que não cabe dentro do molde fica de fora e já está. Contudo, respeitar a originalidade é um processo longo e árduo, é um jogo entre a liberdade e a educação, um caminho nada fácil. Não é tão simples assim respeitar os tempos e as diferenças. O perigo, nesse caminho, é perder a perspectiva da meta, é deixar de ver por onde vamos e entristecermo-nos ao ver o processo inacabado, as falhas no crescimento no momento presente.

Outro perigo que existe no que respeita à originalidade é que, ao acentuar a diferença, corre perigo a unidade. A originalidade sempre foi algo sagrado em Schoenstatt. O lugar próprio, a forma original de cada um se expressar. Cada um tem o seu próprio Schoenstatt no coração. Cada um poderia fazer essa mesma análise sobre Schoenstatt e chegar a conclusões muito diferentes. O original é de Deus e respeitá-lo é uma missão grande e sagrada. A paternidade e maternidade em Schoenstatt cuida da originalidade de cada um. O perigo é querer impor uma forma de ver as coisas, uma maneira única de viver a aliança. O perigo é restringir, limitar. Há frases que matam a vida e se afastam do ideal sonhado pelo Pe. Kentenich. "*Isto não é Schoenstatt*", "*esta forma de atuar e rezar não é schoenstattiana*". Corre-se o risco de contrair a vida. O perigo de pensar que cada um tem a verdade na sua totalidade, sem entender que todos construímos Schoenstatt. Trazemos a nossa originalidade, embelezamo-la sendo fiéis a

nós mesmos. Mas não possuímos tudo o que é e pode chegar a ser Schoenstatt. Isso faz-nos mais humildes e mais necessitados de complemento. É por isso que a tentação que existe sempre é a de abrir canais á água que brota da fonte de vida. Por medo de que água se perca, queremos pôr-lhe limites, para proteger a ortodoxia, para garantir o carisma. Por isso, os estatutos, as normas e os esquemas, sendo também necessários, correm o risco de contrair a vida e não respeitar sempre a originalidade de cada um. Há ainda outro perigo, que se perca a unidade ao acentuar tanto a diversidade. A unidade é uma parte essencial do nosso carisma. Sabemo-lo, ai onde reside a nossa força está ao mesmo tempo a nossa debilidade. É sempre assim na vida. Onde temos uma missão, construir uma Igreja unida, uma família, somos tentados e provados. Maria é sempre Rainha da unidade. Schoenstatt acentua tanto a diferença, o original, o próprio, que corre o risco de obviar o que nos une, o que nos faz um só corpo em Cristo, o que nos assemelha. Somos filhos de uma mesma Mãe, unidos a Ela em Aliança. Somos filhos de um mesmo Pai fundador e repetimos no nosso interior: *“Cor unum in Patre”*, um só coração no Pai. Nele permanecemos unidos e ele, do céu, abre-nos horizontes. Mas o nosso perigo é que deixemos de nos olhar com respeito e procuremos que nos respeitem na nossa originalidade. O perigo é rejeitar o que é diferente quando o vivemos como uma ameaça. Separamos fazendo acentuar acima de tudo a nossa beleza e deixamos de ver a beleza dos outros.

A pedagogia da liberdade é central em Schoenstatt. Por isso é tão importante sermos livres na nossa espiritualidade. Muita gente diz que está em Schoenstatt porque aqui sempre se sentiram livres. É verdade, mas não exatamente liberdade, mas respeito. Em Schoenstatt não põem prazos, não pressionam para avançar, não exigem a quem não quer que lhe exijam, não chamam muito a atenção se faltarem. Às vezes pode parecer falta de interesse, mas não é isso. Simplesmente Maria, como boa Mãe, espera paciente, aguarda. Não quer tudo de forma imediata e de uma forma determinada. E nós somos filhos de Maria. O Pe. Kentenich dizia sempre que queria remadores livres. E convidava-nos a auto-educarmo-nos a nós mesmos. Queremos crescer, não porque nos impõem, mas porque o coração nos pede. O Pai falava sempre do perigo da massificação religiosa. O perigo de imitar as formas de outros, dos que nos parecem mais santos e fazermos as coisas levados pela massa, para não destoar. Não se trata de fazer as coisas por imitação mas por convicção. A liberdade é sagrada. Mas a liberdade autêntica, essa liberdade que implica compromisso e responsabilidade. Em Schoenstatt, quando mais alguém avança livremente, mais se compromete. Liberdade é compromisso. E como os montes pelos quais ansiamos são tão altos, é despertado o desejo de dar mais, sempre mais. Dilata-se a alma, engrandece-se o coração. É verdade que alguns nos pedem, aos sacerdotes, que lhes digamos o que têm de fazer, que caminho tomar, qual a decisão correta. Esse não é o caminho. Em Schoenstatt cada um vai dando os passos livremente, quando percebe que Deus lhe pede para dar certos passos. Aprofunda e avança quando Maria lhe sussurra no coração. Se não avançamos, se não nos comprometemos mais, somos igualmente livres para continuar a caminhar junto àqueles que avançaram. Isso é liberdade. Isso é livre compromisso e não massificação.

O Pe. Kentenich soube educar sempre com liberdade e para a liberdade. Soube respeitar os processos e a originalidade de cada um. Quando chegou a Schoenstatt, e foi nomeado diretor espiritual dos jovens seminaristas, pôde ver as suas feridas, as suas limitações. Viu que eram parecidas às que ele mesmo tinha tido. Também se encontraria com outros jovens com

histórias diferentes. Tentou ensinar-lhes a olhar para dentro de si mesmos, a serem eles próprios, e a partir daí, sair ao encontro de Cristo. A partir do próprio coração, tal como cada um é, e assim procurar Deus. Não lhes impôs normas e moldes. Mas o ambiente não era fácil, porque a educação da época era de moldes e normas. Como fazer para que o caminho fosse pessoal? Como levá-los às mãos de Maria para que Ela fizesse com cada um o que tinha feito com ele? Ela podia tirar o melhor de cada um, o seu dom pessoal, usou a tática de os amar, de ser próximo, de os escutar. O amor cura e tira o melhor de cada um, já o sabemos. Ele, ferido no amor, converteu-se num curador ferido. Curava e, ao mesmo tempo, curava-se, curava a sua ferida de amor. Que mistério! Foi de novo o seu olhar profundo que conseguiu ver uma possibilidade por trás de algo mau: a guerra. Ele leu na alma dos rapazes, o seu anseio, os seus medos, as suas limitações, o pânico da solidão, o seu anseio profundo e inconfessável de serem santos. Ele foi capaz de ler as almas. Teve a certeza de que em Maria se encontrava o caminho que tinha de seguir. No seu oceano viu a resposta: o amor de Maria arranca-nos do mais fundo, levanta-nos e faz-nos acreditar. O pai estava atento à vida e entendeu o incompreensível. Foi pai e profeta. O grande objetivo era serem santos e darem a vida no meio de uma guerra. É preciso atrevermo-nos a sair da mediocridade para poder avançar. Maria, num lugar minúsculo na Alemanha, numa capelinha abandonada, ia mudar a sua vida e a nossa própria vida. O Pai acreditou que a partir desse grupo pequeno de jovens podia mudar a história da Igreja na Alemanha e mais além.

Schoenstatt nasce da vinculação a um lugar, a uma capelinha, e da vinculação a um Pai, a um homem apaixonado por Maria. Tinha fogo no coração porque o que transmitia tinha-o vivido nele primeiro, na profundidade da sua alma, na sua intimidade com Maria. Ele tinha experimentado a sede imensa e a água que o acalmou, a carência e o dom, a ferida e a cura, o anseio e o presente. Essa foi a chave. E Deus ofereceu-lhe, isso sim, um olhar para ver a sua história como história sagrada e aceitá-la com paz. E essa mesma história que ele viveu. É a história de Schoenstatt. É algo próprio do nosso carisma. Vinculamo-nos a um lugar, a uma terra de Maria, a um Santuário, a uma pessoa, a um homem de Deus, a um profeta que via o céu no meio da morte. E aí nos enraizamos, fazemos desse lugar, desse coração, um lugar que acalma a nossa sede. É que os vínculos locais e humanos são essenciais para crescer. Os lugares ajudam-nos a criar raízes, a fazer um lar do lugar onde estamos. Os vínculos humanos recordam-nos o essencial, que o humano nos eleva até ao céu, abre-nos as portas do céu, une-nos a Deus. Deus usa os laços humanos para nos atrair ao seu coração. Por isso nos unimos uns aos outros como irmãos, como filhos, como pais, como mães. Que importante é o amor humano para crescer no amor a Deus! Que importante são as causas segundas que nos conduzem à Causa primeira! Assim atua Deus, através do humano. Sem nos unirmos uns aos outros é difícil subir mais alto. Mesmo que a carne nos doa e o coração acabe ferido, merece a pena, salva a nossa vida. O amor dói sempre. Um filho de Schoenstatt é um apaixonado, um enamorado da vida, do humano, do quotidiano. Não é um homem de visões extraordinárias, porque normalmente não as temos. Mas um homem que vê o extraordinário na rotina, no quotidiano, no que não chama a atenção. Sabe que a sua vida não é mais heróica quando faz coisas espetaculares, dignas de serem contadas. No Santuário acontecem milagres ocultos, singelos. É uma santidade quotidiana, vulgar, de andar por casa. Talvez os nossos milagres sejam demasiado simples e nem sequer possam ajudar hoje a canonizar o Pe. Kentenich. Mas o certo é que nada do que é humano é indiferente a um filho do Santuário. Nele unem-se as

ideias a vida, a fé e o amor. Tudo está unido, porque Maria nos dá esse equilíbrio e essa unidade. Chamamo-lo “*ser orgânico*”. Não separamos a nossa vida de fé da nossa família, do trabalho, dos nossos hobbies e alegrias. Deus está em tudo e, se não está lá onde estamos, é porque alguma coisa não funciona. O filho do Santuário sabe ver a Deus em tudo o que acontece, em tudo o que vive e tem. A Deus interessa-lhe toda a nossa vida, tudo o que fazemos e sofremos. Os nossos êxitos e as nossas derrotas. As virtudes que temos e também os pecados que nos afastam d’ Ele e dos homens. Oferecemos tudo como capital de graças, como oferenda diária, porque as nossas vidas estão entrelaçadas. Todo o bem que fazemos é um bem para todos. Todo o mal que fazemos uma ausência de bem. Por isso, oferecemos tudo a Maria no Santuário. Ela aceita-o e derrama as suas graças sobre todos os que peregrinam à sua casa em cada dia.

O Pe. Kentenich chegou a ser um professor dos vínculos. Este é sem dúvida o maior milagre de Maria. Um homem ferido nos vínculos que se curou por Maria. Ela chegou até ao mais profundo da sua alma. Não ficou pela mente, nas ideias, nos desejos, mas chegou ao mais profundo do seu jardim interior, até ao subconsciente. Para aqueles que conheceram o Pai, ele foi um grande instrumento que Maria usou com eles. Assim aconteceu ao longo da história de Schoenstatt e continuará a ser. Todos estamos aqui porque alguém, outro Pe. Kentenich, outro rosto humano apaixonado por Deus e por Maria, nos falou de uma capelinha, de um lugar santo, mágico e nos convidou a ver, a olhar, a caminhar. A necessidade de um lar, de raízes, de encontrar repouso no que somos e temos, no que sonhamos, foi o que nos fez um dia aproximarmo-nos, começar um caminho. A origem esteve nos vínculos. Sempre nos servimos de rostos humanos que nos levam ao mais alto. Para muitos, foi a paternidade do Pe. Kentenich o caminho que Deus usou para salvá-los. Para cada um esse rosto tem um nome, uma história pessoal. É aquela pessoa que lhe despertou inveja, a inveja de querer viver assim, com alegria, com paixão, a própria vida. Maria utiliza instrumentos dóceis, instrumentos humanos, livres, autênticos, apaixonados. Às vezes, é certo, chega diretamente, mas não é o habitual. Com O Pe. Kentenich foi assim. Talvez com alguma pessoa, ou em algum momento fosse assim. Mas em Schoenstatt Ela utiliza-nos como instrumentos se formos dóceis e nos deixarmos moldar. Utiliza-nos para sermos pais e mães, irmãos e amigos. Para amar a vida do outro onde se encontra. Servir o outro a partir dele, não a partir da minha ideia ou do meu projeto, não dos próprios desejos mas a partir dos seus. Ajudar o outro a ser quem Deus sonhou que fosse. Sem aproveitarmos os seus talentos para logo ser esquecido. O caminho humano é o que nos leva ao mais profundo do coração de Deus. O amor humano aproxima-nos do amor de Deus. O humano, o unirmo-nos a pessoas com as quais caminhamos, o deixar-se tocar e tocar os outros, partilhar a vida, os sonhos, as feridas, faz parte da nossa originalidade. São estes vínculos humanos que permitem o vínculo com Deus. Fundar Schoenstatt de novo é aprender a vincularmo-nos com alegria e liberdade. Consiste em não deixar o humano procurando o divino. Queremos unir-nos, por amor. Esses vínculos humanos são os degraus que nos aproximam de Deus. Necessitamos uns dos outros, não caminhamos separados uns dos outros, caminhamos como família para Deus.

Original: Espanhol – Tradução: Maria de Lurdes Dias, Lisboa, Portugal/schoenstatt.org